

DEPOIMENTO

Rudolf Bruno Lange*

Em primeiro lugar eu quero reclamar, o que é característico da minha pessoa, o atraso do começo da cerimônia. Porque, dizem que o atraso é coisa de brasileiro, mas brasileiro tem que acabar se corrigindo através do tempo e, se ninguém reclama, as coisas continuam sempre da mesma forma.**

Então, eu tenho que falar sobre o dr. Loureiro. O dr. Loureiro eu conheci em 1938, porque eu colecionava insetos e um companheiro meu descobriu que no Museu Paranaense havia uma coleção de insetos. Por isso, nós íamos lá; era o Heitor Rodrigues, o irmão do já citado Aryon Dall'Igna Rodrigues. Lá acabamos sendo apresentados ao dr. Loureiro, que nos facilitou a freqüência ao Museu etc... E de lá, iniciase o meu relacionamento com o dr. Loureiro. Naquela ocasião o Museu tinha sido reestruturado. Os componentes eram poucos; eram o padre Jesus Moure, Antonio Martins Franco, Arthur Martins Franco, Francisco de Assis Fonseca Filho e Carlos Stellfeld. Efetivamente, existia a Seção de Zoologia, Seção de História, Seção de Botânica e a Seção de Geologia, Mineralogia e Paleontologia e, o dr. Loureiro, na Seção de Antropologia e Etnografia.

O tempo foi passando e eu, no convívio com o dr. Loureiro, acabei como voluntário no Museu; depois, eu fui contratado como auxiliar da Seção de Zoologia e depois eu cheguei a assistente. Mas o dr. Loureiro, dentro do Museu, tive a ocasião de observá-lo e ver o seu comportamento. O Museu realmente funcionou no tempo do dr. Loureiro, porque ele tinha a possibilidade e o acesso que depois desapareceu. Ele precisava de dinheiro, ele telefonava para o Ribas. O Ribas era o interventor Manoel Ribas. Ligava para o Manoel Ribas: - **“Ô Ribas, o dinheiro do Museu vai sair ou não?”** Então ele conseguia o dinheiro. Depois do Ribas, a mesma coisa acontecia com o governador Moysés

* Professor Titular de Zoologia e Ecologia jubilado pela PUCPR. Professor de Ciências jubilado pelo Colégio Estadual do Paraná.

** O protesto do depoente foi com relação à demora havida na instalação da mesa de abertura do Seminário (N. do Ed.).

Lupion, ele telefonava e dizia: - **“Ô Moysés, e a verba aqui do Museu? Nós estamos a zero.”** Dia seguinte ou dois dias depois, o dinheiro estava à disposição. Eram todos eles correligionários de um partido que, - não sei ainda se existe ou não porque eu sou alheio à política, - era chamado naquela época de PSD (Partido Social Democrático). Por isso ele tinha então essa facilidade em conseguir. O Museu continuou sob a direção do dr. Loureiro, e se tornou mais diversificado. O dr. Loureiro convidou para o Museu companheiros dele já antigos. O dr. Loureiro foi um dos fundadores ou talvez o fundador do Círculo de Estudos Bandeirantes, que na época congregava toda a elite intelectual do Paraná. Era o Bento Munhoz da Rocha, o padre Jesus Ballarin Carrera, o Benedito Nicolau dos Santos, o Ligarú Espírito Santo, o Othon Mader. Uma relação muito grande que eu não sei de cor. Ainda hoje eu li um livro que ganhei; foi dado ao Loureiro no dia 5 de maio de 1937. É sobre literatura portuguesa e foi dedicado a ele por todos esses elementos do Círculo de Estudos Bandeirantes.

Aí, depois disso, o dr. Loureiro convidou para integrar também o Museu Paranaense outras pessoas, como o Rosário Farani Mansur Guérios e o Frederico Lange; havia no Museu dois Langes: o Frederico Valdemar Lange e eu. Um era o Lange de Ponta Grossa, porque ele morava em Ponta Grossa e, o outro, Lange de Curitiba. Mais tarde, ainda, foi trabalhar no Museu o Lange de Morretes; então, eram três Lange no Museu.

O Farani Mansur Guérios, entrou para a lingüística, o Lange para a paleontologia e o Azambuja Germano para a documentação fotográfica, que depois não continuou. Para o seu lugar foi convidado pelo dr. Loureiro o Vladimír Kozák.

Nesse período, eu participei diversas vezes com o dr. Loureiro nas excursões para o Sambaqui de Matinhos. O dr. Loureiro no começo escavava sem aquela metodologia que eu acredito que usam atualmente, de camadas e tal. Ele fazia meio assim, cavoucando; assim, meio “seja o que Deus quiser”. Não sei do mais, por fim, porque eu não era tão solicitado. Mas ele conseguia bastante material.

Com relação ao Sambaqui de Matinhos, o dr. Loureiro teve um outro problema; foi um desentendimento com um cidadão aqui de Curitiba, o Guilherme Tiburtius. Este mantinha, com um irmão, uma indústria de artefatos de madeira. Encerrada essa atividade, o Guilherme passou a colecionar material antropológico, inclusive do Sambaqui de Matinhos. Acontece que o dr. Loureiro escavava o sambaqui no sábado e no domingo. Ele ia segunda, terça, quarta, quinta e sexta para o mesmo lugar. Em conseqüência, havia choque. O dr. Loureiro trabalhava com técnica, não tão técnica como disse há pouco, mas

com preocupação científica. O outro, como se diz na gíria, a “miguelão” e comprava peças de operários: - “Tá aqui cincão por esse machado; leva doizão por essa flecha”.

Outro que o dr. Loureiro levou para o Museu foi o Kozák, para a documentação fotográfica, quando saiu Azambuja Germano, que nunca se interessou pelo assunto; ele entrou para o Museu justamente na época em que tinha acabado aqui em Curitiba o serviço de bondes. O Kozák era tcheko, naturalizado americano, e era responsável pelos bondes de Curitiba. Era tão estimado na empresa, que disseram que os bondes foram vendidos por um real com a condição que levassem o Kozák junto.

O Kozák começou a filmar junto com o dr. Loureiro ou a pedido do dr. Loureiro, primeiro no Museu e depois na Universidade. Aí, ele foi filmar os Xetá; ele filmou, a pedido do dr. Loureiro, uma confecção que eu assisti, de um furador de lábio para a colocação de tembetá. Cortou um galho verde de peroba; raspou e apontou a vareta com lasca de pedra. Depois de lixar a peça, usando folha de embaúba, lubrificando com saliva, sapecou-a no fogo para que ficasse dura. Pouco depois o índio fez uma lâmina de machado em pedra a pedido do Loureiro. O Kozák quis ficar com as peças, porque tinha filmado, porque não sei o quê. Surgiu um bate-boca, o Loureiro manteve-se firme e o material foi para a Universidade.

Mas com isso, o Loureiro perdeu a estima do Kozák e criou um inimigo desagradável. Eu, por exemplo, encontrava o Kozák com frequência quando ia ver minha caixa postal, e sempre tinha que ouvir os seus comentários raivosos. Como eu defendia o Loureiro, ele ficava tenso comigo alegando que eu não sabia dos detalhes. Eu tratava de me afastar, justamente por causa desse comportamento do Kozák.

O dr. Loureiro também participou, e de maneira fundamental, na organização da Universidade do Paraná, porque a universidade existia como cursos; tinha na época Curso de Engenharia, de Medicina, de Direito; depois foi criado o Curso de Química, o de Veterinária e o de Agronomia. E, ainda à parte, foi criada a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras. Ele conseguiu reunir tudo isso.

Havia um plano de união do Museu Paranaense com a Faculdade de Filosofia. Foi feito um projeto de edificar o Museu junto com a Faculdade. O local seria onde atualmente se encontra o Teatro Guaíra. Ali foi implantada uma “pedra fundamental”, com toda a solenidade que o caso exigia.

Ainda, quanto à Universidade do Paraná, o Loureiro me falou que havia sugerido ao reitor Flávio Suplicy de Lacerda um Campus Universitário onde estava sendo construído o Centro Politécnico. A área

circundante era erma e os terrenos não muito valorizados. Este disse-lhe que ali só queria o Politécnico.

Mas não foi só a Universidade do Paraná que o dr. Loureiro engrandeceu; também a Universidade Católica. Naquele tempo não havia Universidade Católica; ela foi criada com a reunião de uma série de escolas ou faculdades isoladas. A de Medicina ficava com o bispaço e uma sociedade anônima secreta; a Faculdade de Teologia, estava a cargo dos claretianos e a de Engenharia, com os jesuítas. A de Administração, etc., com os franciscanos. Os franciscanos, quando se pensava em reunir tudo, não concordaram; os outros abriram mão e os maristas assumiram tudo e a Universidade Católica se constituiu. Mas, o dr. Loureiro foi o baluarte, junto com Mário de Abreu e outros médicos na época, para a criação do Curso de Medicina. Ele foi justamente quem conseguiu fazer o seu andamento.

Então, nós vemos o dr. Loureiro envolto com o Círculo de Estudos Bandeirantes, o Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, a Universidade do Paraná, Museu Paranaense e a Universidade Católica, só pra dizer algumas instituições porque outras eu nem conheço. Era um homem que conseguia as coisas geralmente por telefone. O Museu não tinha condução, então ele telefonava para o Macedo; eu não lembro o primeiro nome do Macedo, que era secretário de Viação e Obras Públicas do Estado: - **“Escuta, você não me arranja um carro para amanhã?”**. Amanhã era sábado; então, o homem arranjava o carro no dia seguinte. No sábado, estava lá o carro, frequentemente com o mesmo motorista. Ele já conhecia a gente e a gente o conhecia. Depois, o Museu comprou uma caminhonete. Nesse ínterim, o Lange tinha aprendido a dirigir e passou a ser o motorista da caminhonete. Todo sábado e domingo o caminho não era da roça, era o da praia. Lá, além de fazer o trabalho no sambaqui, o dr. Loureiro levava um saco desses de farinha de trigo, de 60 quilos, mas não levava farinha, nem era pra trazer farinha. Ele o levava cheio de medicamentos. Chegava lá, avisava na praia para alguns elementos; tinha um que era o marido da professora e chamava-se Gabriel, se não me falha a memória: - **“Ói! avisa o pessoal que estou aqui”**. E o pessoal vinha - “Dr. dói aqui, dói ali”. Ele examinava e fornecia o medicamento. O dr. Loureiro era assim, sistematicamente.

Então, o que eu tinha a dizer sobre o professor Loureiro era isso. Alguém querendo fazer uma pergunta, aproveite agora ou silêncio para sempre.

PROF. OLDEMAR BLASI: Eu queria dizer que talvez o senhor tenha sido um pouco rigoroso com relação ao Kozák.

PROF. LANGE: Ah! Eu sei, ele é o defensor absoluto do Kozák.

PROF. BLASI: Acontece que a personalidade de Loureiro Fernandes era A e a personalidade do Vladimír Kozák era B; os dois eram pessoas de boa cabeça, de bons pensamentos, de grande atividade e individualistas. É claro que ele sustentava seu ponto de vista e o Kozák tinha a sua maneira de ver também; então achava que estava sempre sofrendo em relação a força que o Loureiro exercia no quadro das atividades que ele participava, de maneira que eu acho que não se deve ser tão rigoroso com o Kozák assim.

PROF. LANGE: Eu só disse o que eu vi, porque no fim de conta, nesse ponto eu concordo com o Loureiro, uma vez que ele foi por conta da Universidade, com filmes da Universidade, e ele dizer que os objetos eram dele? Ah! Brincadeira!

